



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

**FAKE NEWS E REDES SOCIAIS: UMA APROXIMAÇÃO DESDE A ANÁLISE CRÍTICA
DO DISCURSO NO CONTEXTO BRASILEIRO**

MATHEUS SENA DE AZEVEDO

Rio de Janeiro
2022

MATHEUS SENA DE AZEVEDO

**FAKE NEWS E REDES SOCIAIS: UMA APROXIMAÇÃO DESDE A ANÁLISE CRÍTICA
DO DISCURSO NO CONTEXTO BRASILEIRO**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Espanhol.

Orientador: Prof. Dr. Miguel Mateo Ruiz

Rio de Janeiro
2022

Ficha Catalográfica

CIP - Catalogação na Publicação

A994f Azevedo, Matheus Sena de
Fake News e Redes Sociais: uma aproximação desde
a Análise Crítica do Discurso no contexto brasileiro
/ Matheus Sena de Azevedo. -- Rio de Janeiro, 2022.
42 f.

Orientador: Miguel Mateo Ruiz.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Espanhol, 2022.

1. Análise Crítica do Discurso. 2. Fake News. 3.
Discurso. 4. Redes Sociais. I. Ruiz, Miguel Mateo,
orient. II. Título.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

MATHEUS SENA DE AZEVEDO

DRE: 116137620

FAKE NEWS E REDES SOCIAIS: UMA APROXIMAÇÃO DESDE A ANÁLISE
CRÍTICA DO DISCURSO NO CONTEXTO BRASILEIRO

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Espanhol.

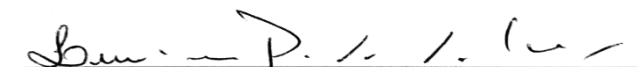
Data da Avaliação: 21/07/2022

Banca examinadora:



Prof. Dr. Miguel Mateo Ruiz (UFRJ) – Presidente da Banca Examinadora

NOTA: 10,0



Prof. Dr. Luciano Prado da Silva (UFRJ) – Leitor Crítico

NOTA: 10,0

Ao Preparatório Comunitário Paulo Freire, lugar de transformação social, lugar de gente comprometida, lugar este onde me preparei para chegar à UFRJ, que atualmente ensino literatura e que há mais de dez anos vem fazendo um trabalho compromissado com a realidade de tantas jovens que insistem em dizer para este sistema cruel que os pobres chegaram à universidade e por lá ficarão. Que a partir deste dia, o corpo do jovem periférico, pobre, negro e LGBTQIAP+ será alvejado por livros, palavras, conceitos e desejo de revolução.

AGRADECIMENTOS

Essa parte da monografia é sempre a mais difícil de escrever, pois, embora existam dificuldades em escrever, buscar referências, corrigir equívocos da escrita e da ordem da teoria, agradecer é a árdua tarefa de quem faz parir sua criação mais formidável, cheia de inconsistências e incongruências que é o Trabalho de Conclusão de Curso.

Houve um dia em que eu cheguei da faculdade de Letras, abracei a minha mãe e entre choros esparsos surge a minha voz trêmula dizendo “eu estou cansado, quero desistir!” Minha mãe me abraçou de forma intensa, chorou comigo e olhou dizendo “estou com você, mantém tua escolha, pois sei que nada do que fazes é solitário.” Limpei a salmoura que ficou no meu rosto e naquela noite eu sabia que se eu tivesse minha mãe comigo eu poderia ir em qualquer lugar, poderia habitar quaisquer espaços, pois, de alguma forma, a força desta mulher que me criou e me gerou reverbera em mim. Minha escrita não tem só a “grafia” deste autor, mas tem a mão da minha mãe que desde minha infância segurava minha mão e dizia “falta o pingo no i”, ou “sua letra se parece com a da sua tia Raquel”. Obrigado, mãe! O filho da salgadeira, manicure, técnica em enfermagem, cuidadora de idosos, cantora e arteira está formado na maior e melhor universidade deste país, a UFRJ.

Eu também tive outras mães que me ajudaram a segurar o rojão nessa luta, mulheres estas que me acolheram muitas vezes em suas casas para dizer que este caminho não era fácil, mas que se caminhássemos juntos ficaria mais leve. Margareth, Izabel e Ladjane, muito obrigado por expandirem o vosso coração e me transformarem em filho postiço. Estendo meu agradecimento também ao Rodney e ao Aldemar, que são pais para mim e que são sempre sinal de acolhida e alegria para meu coração. Gratidão a vocês!

Para além destas mães, algumas amigas e amigos também me auxiliaram neste longo período de seis anos de graduação. Aqui destaco o mestre Nycolas Candido, meu grande amigo e homem que muito me ensina, Luís Eduardo (Luisinho), que é quem me acompanha desde os primórdios desta vida e que me carregou muitas vezes nos momentos de raiva e angústia dentro da universidade pública. Também agradeço imensamente ao grupo “Família UFRJ”, grupo este formado por Eduardo do Grego, Ângelo, Talita e Adriele de Literaturas, Luanne de Latim, Júlia do Italiano, esta família foi porto seguro em muitos momentos! Reunir-me com eles no Café Literário era sempre uma grande fuga da solidão que é estar na Cidade Universitária, mas, às vezes, era também fuga da aula para poder desabafar. Gratidão, família!

No meio do caminho, aconteceu de conseguir passar no processo seletivo do CLAC (Curso de Línguas Aberto à Comunidade) e lá conheci pessoas incríveis, mas ressalto a

presença amiga do PatriqueLorran e da Victoria Danka, dois grandes parceiros que me ensinaram muito sobre ser professor, mas muito mais sobre autoestima, segurança e resiliência. Obrigado, lendas!

Ninguém se forma sozinho, isolado do mar de possibilidades que a universidade nos dá, por isso, também quero agradecer à professora Maria do Carmo (*unabrazo de sunicófago favorito*), ao professor Victor Lemus, que despertou em mim a veia aberta da literatura, à professora Silvia Cárcamo, à professora Astrid Johana, por sempre ser tão alegre, tão leve ao ensinar e por sempre despertar em seus alunos a vontade de querer saber cada vez mais e ao professor Jean Diniz.

Deixo um parágrafo exclusivo às minhas três grandes referências na graduação que foram o professor Luciano Prado, um grande mestre que sempre trazia doçura, candura, alegria e seriedade em ensinar, à professora Mercedes Sebold que, apesar de não ter sido seu aluno em nenhuma das disciplinas da graduação, fez de mim seu aluno nas orientações do Projeto CLAC. Obrigado por todas as orientações, por toda a preocupação comigo, pela confiança durante os meus dois anos e meio atuando no Projeto e por sempre ser tão humana. Por fim, agradeço ao meu orientador, professor Miguel Mateo. Nada na vida é por acaso e antes mesmo de iniciar as aulas na universidade, conheci o professor Miguel no Museu do Amanhã pedindo dinheiro no dia do meu trote. Ele me falou “vou dar aula lá” e desde então tecemos uma relação de muita amizade, muito companheirismo e muito aprendizado. Professor, o senhor me salvou da própria universidade. Muitas vezes achava que o departamento de Letras neolatinas e, não obstante, o Setor do Espanhol não fosse um lugar para mim, mas este processo de monografia, o Espanhol V e VI, nossos encontros para esta escrita provaram que há espaços para serem ocupados. Sou muito grato pela paciência, sugestões, indicações de livros e por todo este caminho. Sigamos que ainda há muito caminho para trilhar!

Ao Deus de todas as raças, povos e línguas diferentes, o meu amém, o meu axé, a minha reverência!

"Quando um político mente destrói a base da democracia."

(José Saramago)

RESUMO

AZEVEDO, Matheus Sena. **Fake News e Redes Sociais: uma aproximação desde a Análise Crítica do Discurso no contexto brasileiro**. Rio de Janeiro, 2022. Monografia (Licenciatura em Letras: Português e Espanhol) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2022.

Esta monografia investiga como o fenômeno das *Fake News* foi utilizado de forma massiva como estratégia política para construir dicotomias ideológicas, bem como difamar sujeitos políticos que estavam envolvidos com as eleições de 2018. Além disso, o presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a guerra das narrativas que acontecem no campo da Política e do Discurso, de modo a exemplificar com mensagens produzidas por meio de redes sociais como o *twitter*, *facebooke* *whatsapptais* planos para emplacar a figura de x candidato. O marco teórico desta monografia tem como base os estudos relativos à Análise Crítica do Discurso e as relações de manutenção de poder e opressão presentes nos discursos produzidos por tais sujeitos inseridos na sociedade (VAN DIJK, 1990; 2005). Nesse sentido, Van Dijk (2005) vai dizer que a notícia como discurso atua como “uma forma de ação social” e por isso vamos encontrar muitos jornais trazendo notícias em um tom sensacionalista ou, até mesmo, notícias falsas, pois “as relações de poder são discursivas”. A partir disso, o autor relaciona pontos da abordagem da Análise Crítica do Discurso às diversas produções de *fake News*, construindo assim um *corpus* baseado em mensagens anonimadas produzidas por perfis em redes sociais. No que tange a metodologia, os dados foram analisados a partir de uma perspectiva da ACD, relacionando assim a ideia de que o discurso público é controlado pelos grupos dominantes a fim de criar o que Gramsci chamou de *hegemonia* (1987), ou seja, de acordo com Rosselani (2011, p.7) “é a maneira ou mecanismo pelo qual um poder governante conquista o consentimento dos subjugados a seu domínio”, e atua de maneira secreta, quase não notável pelos grupos dominados, de modo a construir uma dominação sutil da cognição, da memória e dos espaços públicos. Espera-se que esta pesquisa possa contribuir não só para a corrente pouco trabalhada no Brasil que são os estudos da Análise Crítica do Discurso, mas que também possa ajudar a ciência brasileira a criar métodos para ajudar a população brasileira a reconhecer uma mensagem *fake*, uma imagem ou vídeo manipulados, a fim de fomentar uma rede de proteção às notícias e aos jornais comprometidos com a verdade.

Palavras-chave: Análise Crítica do Discurso; Fake News; Discurso; Redes Sociais.

RESUMEN

AZEVEDO, Matheus Sena. **Fake News y Redes Sociales: una aproximación desde el Análisis Crítico del Discurso en el contexto brasileño.** Rio de Janeiro, 2022. Monografía (Licenciatura en Letras: Portugués y Español) – Facultad de Letras, Universidad Federal de Rio de Janeiro, 2022.

Esta monografía investiga cómo el fenómeno de las *Fake News* ha sido utilizado masivamente como estrategia política para construir dicotomías ideológicas, así como para difamar a sujetos políticos que se vieron envueltos en las narrativas electorales de 2018. Además, el presente trabajo tiene como objetivo reflejar acerca de la guerra de narrativas que se desarrollan en el campo de la Política y el Discurso, con el fin de ejemplificar con mensajes producidos a través de redes sociales como *twitter*, *facebook* y *whatsapp* dichos planes para promover la figura de x candidato. El marco teórico de esta monografía se basa en estudios relacionados al Análisis Crítico del Discurso y las relaciones de mantenimiento de poder y opresión presentes en los discursos producidos por tales sujetos que se insertan en la sociedad (VAN DIJK, 1990; 2005). En este sentido, Van Dijk (2005) dirá que la noticia como discurso actúa como “una forma de acción social” y por eso encontraremos muchos periódicos que publican noticias en tono sensacionalista e incluso noticias falsas, porque “las relaciones de poder son discursivas”. A partir de ello, el autor relaciona puntos del enfoque del Análisis Crítico del Discurso con las distintas producciones de *Fake News*, donde se construye así un *corpus* a partir de mensajes anónimos producidos por perfiles en redes sociales. En cuanto a la metodología, los datos han sido analizados desde una perspectiva del ACD, donde hay una relación con la idea de que el discurso público tiene control de grupos dominantes para crear lo que Gramsci llamó *hegemonía* (1987), es decir, según Rosselani (2011, p.7) “es la manera o mecanismo por el cual un poder gobernante gana el consentimiento de aquellos sujetos a su dominio”, y actúa de manera encubierta, casi desapercibida por los grupos dominados, para construir una dominación sutil de la cognición, la memoria y de los espacios públicos. Se espera que esta investigación pueda contribuir no sólo al actual y poco trabajado en Brasil en el ámbito de los estudios de Análisis Crítico del Discurso, sino que también pueda ayudar a la ciencia brasileña a crear métodos para ayudar a la población brasileña a reconocer un mensaje falso, una imagen o video manipulado para fomentar una red de protección de noticias y diarios comprometidos con la verdad.

Palabras-clave: Análisis Crítico del Discurso; Fake News; Discurso; Redes Sociales.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Desdobramentos teóricos sobre o conceito da Memória Episódica	16
Tabela 2: Compreendendo a relação entre as categorias de checagem e suas respectivas definições	26

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: O atual presidente <i>tweeta</i> um vídeo seu dando entrevista em seu próprio perfil. Tal vídeo é um recorte feito em junho de 2021 de uma reportagem em 2017	20
Figura 2: O presidente faz um <i>tweet</i> em seu próprio perfil comentando sobre seus adversários na época das eleições de 2018	21
Figura 3: Infográfico retirado do periódico O Estadão.....	21
Figura 4: Infográfico de palavras retirado do periódico O Estadão	22
Figura 5: Mensagem repassada em grupo de <i>whatsapp</i> sobre uma possível “bolsa ditadura”	23
Figura 6: usuário do <i>Facebook</i> publica notícia e comenta sua própria publicação	28
Figura 7: Captura de tela feita em junho de 2021 a qual usuário faz um <i>tweet</i> em seu próprio perfil.....	30
Figura 8: Imagem retirada do Jornal online Folha de São Paulo - Notícia do dia 17 de janeiro de 2020	31
Figura 9: O deputado Alberto Fraga (DEM-DF), em 2019, faz declaração enganosa sobre a ex-deputada estadual assassinada Marielle Franco (PSOL-RJ)	33
Figura 10: Usuário desconhecido encaminha mensagem para outro usuário	34
Figura 11: Bolsonaro, em outubro de 2021, ao lado de uma intérprete de LIBRAS disseminando <i>fakenews</i> sobre a falsa relação entre vacina contra COVID-19 e produção de HIV	36
Figura 12: Usuário não identificado do <i>whatsapp</i> repassa mensagem sobre possíveis alimentos alcalinos que poderiam eliminar o vírus da COVID-19 do organismo humano	37

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. MARCO TEÓRICO	15
2.1 A ANÁLISE DO DISCURSO E A ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO	16
2.2 AS <i>FAKE NEWS</i> NO BRASIL	19
2.3 AS REDES SOCIAIS E AS <i>FAKE NEWS</i>	24
3. OBJETIVOS	26
4. METODOLOGIA	27
5. ANÁLISE DE CORPUS	28
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40
8. ANEXOS	42

1. INTRODUÇÃO

Muito vemos em nossa sociedade a quantidade de textos que nos oferecem as redes sociais, os noticiários, os jornais digitais, canais de televisão, os canais no *Youtube* e tantas outras formas de acesso às informações. O texto sempre foi uma grande unidade discursiva que é capaz de tantos outros objetivos, o de informar vem trazendo grandes questionamentos não só para a sociedade que consome essas notícias, mas também aos analistas de discurso que conseguem enxergar uma relação entre o texto construído e a intencionalidade de quem o escreveu. De fato, o discurso é esta articulação que está dizendo alguma coisa, que ainda não findou, que ainda quer comunicar durante seu percurso (ORLANDI, 2001).

Com a recepção do conceito de *Fake News* que tem seu “boom”, principalmente, durante o golpe de 2016 e a candidatura em 2018 do atual presidente do Brasil, a sociedade brasileira passou a receber diversas informações e o que era considerada fonte segura de notícia foi se desfazendo, à medida que estes novos algoritmos formados por uma rede de disseminação de notícias falsas distribuía informações desconstruídas como tática eleitoral e estes grupos colocaram uma pergunta como fonte de todo o início de distorção de notícia: vocês viram o que chegou no nosso grupo do *whatsapp*?

Assume-se nesta monografia a perspectiva dos estudos de Análise Crítica do Discurso, que se iniciou nos anos 90 com um dos expoentes da Análise Crítica do Discurso, o linguista holandês Teun Van Dijk e que desenvolveu a ACD através de mecanismos já apresentadas pela Escola de Frankfurt nos anos 80 que assumiu a relação entre a luta social e grupos classificados como dominantes perante a uma sociedade que distingue-se entre dominantes e dominados, legal e ilegal, pobres e ricos e que com suas linhas de estudos, analisaram as configurações discursivas de dominação, discriminação, controle, poder e opressão entre as classes dominantes.

Com toda esta questão, queremos nesta monografia entender como a manipulação do discurso é capaz de desestruturar pilares sociais importantes como o direito à liberdade de imprensa, o direito ao acesso à informação, a não manipulação dos fatos reais e, inclusive, a própria democracia. Como fruto destas manipulações, as redes sociais se tornaram um espaço rivalizado num contexto político, o qual disputam este mesmo espaço ideologias esquerdistas e direitistas, com embates políticos e filosóficos. Obviamente, a questão não é a liberdade de pensamento, que muito contribui para a construção de espaços democráticos, como devem ser as redes sociais, porém o que deve-se questionar é como as diversas realidades sociais e

políticas, como os grupos com extrema relevância e influência na sociedade utilizam estas estruturas para manipular a notícia e assim construir um discurso para as massas? (VAN DIJK, 1990).

O presente trabalho contará com um marco teórico que conduzirá a análise do corpus selecionado, tomando como referência os estudos da ACD, em seguida apresentará os objetivos, os quais traçam, de maneira breve, o caminho que tal pesquisa irá percorrer. A Análise de Corpus não só apresentará os dados escolhidos para assim combiná-los com a linha teórica aqui difundida, bem como irá compilar uma série de casos concretos que relacionem *afake news* com os instrumentos de operacionalização de tal estratégia argumentativa.

2 MARCO TEÓRICO

Sabe-se que com o surgimento da internet e das redes sociais, a sociedade passou a construir outras formas de se comunicar, pois essas novas redes de interação social fizeram com que as relações humanas se tornassem também uma rede a nível mundial. É importante salientar que a internet e as redes sociais beneficiam muitas pessoas no tocante ao tema do encontro: hoje é possível que um sujeito que vive no Brasil se encontre por uma videochamada com um amigo que mora em Lisboa, Portugal, apenas com uma conexão boa e um *click*. Para além das redes sociais, grandes empresas como *Google*, *Microsoft* e outras criaram mecanismos como a busca inteligente de temáticas para textos acadêmicos através de temas, autores, abordagens e resultados e assim pode-se afirmar que, de fato, a internet trouxe muitas vantagens para a humanidade, porém com o crescimento da interação social sendo feita através das redes sociais como, por exemplo, o *Facebook*¹, o *Twitter*² e o *Instagram*³, de certa forma, as redes sociais passaram a moldar o comportamento, a relação e os discursos dos indivíduos.

Quanto ao discurso, pode-se perceber que as estruturas discursivas que existem para velar questões sociais como o racismo, a homofobia, a xenofobia e o machismo foram desmascaradas a partir de uma interação que se resguarda pela liquidez que a rede social oferece, ou seja, produzir discursos violentos de maneira virtual se tornou um mecanismo violento de defesa aos argumentos e pensamentos alheios. Žižek (2008) definiu a violência

¹O Facebook hoje possui mais de 65 bilhões de contas ativas, e o Brasil, nesta marca, possui 130 milhões de usuários e contas ativas. (Fonte: Social Bakers, 2020).

²Um levantamento realizado em 2020 e ainda inédito em português, por exemplo, mostrou que atualmente o Twitter conta com 14,1 milhões de usuários brasileiros cadastrados na plataforma. (Fonte: Statisa, 2020).

³O Instagram conta com 1 bilhão de usuários, 71% dos usuários são jovens e 69 milhões de usuários desta rede social são brasileiros. (Fonte: Statisa, 2018).

partindo de uma tríplice semântica: há uma violência mais possível de ser identificada, tanto nas emoções subjetivas, quanto nos discursos produzidos; há uma violência que é mais camuflada, velada estruturalmente pela sociedade e há uma *violência discursiva*, que se dá como foco deste trabalho, pois é imposta através da linguagem que reforça os dois modelos de violência citados acima.

Quando um discurso é produzido por um sujeito, deve-se perceber alguns pontos como a subjetividade de cada ator social, as estruturas linguísticas que este mesmo ator recorre para construir os sentidos discursivos, a intencionalidade neste seu discurso, ou seja, como ele quer convencer o sujeito e a coerência do mesmo. Com estes elementos surgem algumas indagações que veremos na tabela abaixo:

Tabela 1. Desdobramentos teóricos sobre o conceito da Memória Episódica.

Estruturas mentais	Elementos	Indagações
	Sujeito (subjetividade)	Quais são os valores, crenças, emoções e ideologias deste sujeito?
Memória episódica (Cognição social)	Estrutura linguística	A quais recursos linguísticos o sujeito recorre para construir sentido? (Metáforas, ironia, sarcasmo, cinismo)
	Intencionalidade	O sujeito quer convencer sobre o quê? Com qual intenção o sujeito produz tal discurso?
	Coerência	Quais as contradições e inconsistências encontradas no discurso de tal sujeito?

Fonte: Elaboração própria

Agora veremos, no desenvolvimento do marco teórico, três questões muito relevantes para a compreensão desta pesquisa, como a distinção entre a AD e a ACD, a manifestação das *fake news* no Brasil e a relação que tais desinformações possuem com as redes sociais, de modo a descrever os detalhamentos teóricos e práticos deste trabalho.

2.1 A ANÁLISE DO DISCURSO E A ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

O discurso, conceito estudado pela linguística, surgiu no final da década de 1960 e

início de 1970 quando grandes pensadores como Dubois e Pumf (1969), Michel Foucault (1979) e Michel Pêcheux (1987) articularam os aportes teóricos do estruturalismo linguístico, junto ao materialismo histórico e a psicanálise e sistematizaram uma análise do discurso baseada no discurso como lugar de manifestação da língua e da ideologia.

Discurso, segundo Orlandi (2001), refere-se ao produto que possui uma relação intrínseca com a língua e a ideologia. Este lugar, o discurso, é um lugar no qual pode-se perceber a materialidade dos pensamentos ideológicos, pois ao passo que determinado sujeito diz *não gosto de café com açúcar* mesmo sujeito também diz implicitamente que gosta de café sem açúcar, ou seja, quando tal sujeito afirma a sua não preferência por um café doce, afirma simultaneamente que possui preferência por café sem um paladar adocicado. Quando se trata de *discurso*, evocamos também a figura do sujeito que o diz, pois não pode haver discurso se não houver um sujeito que se coloca neste lugar. Como Pêcheux (1975) desenvolveu, se há um discurso, há um sujeito e se há um sujeito, há também ideologia.

Segundo a perspectiva da Análise do Discurso (AD): i) a língua possui pouca autonomia para desenvolver mecanismos linguísticos, pois depende de um sujeito para que tal discurso seja produzido; ii) os fatos históricos estão carregados de sentidos afetados pelo simbólico e iii) são a ideologia e a inconsciência que regem o sujeito, pois o modo como o abstrato o afeta faz com que o sujeito projete tais situações linguísticas e, por sua vez, ideológicas. Acerca desse assunto, Orlandi (2001) afirmou que:

Desse modo, se a Análise do Discurso é herdeira das três regiões de conhecimento - Psicanálise, Linguística e Marxismo - não o é de modo servil e trabalha uma noção - a do discurso - que não se reduz a objeto da Linguística, nem se deixa absorver pela Teoria Marxista e tampouco corresponde ao que teoriza a Psicanálise. Interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele. (ORLANDI, 2001, p.20)

A Análise Crítica do Discurso (ACD) iniciou-se na década de 1990 através de expoentes ligados à Escola de Frankfurt e o linguista holandês Teun Van Dijk, que fazia parte de tal escola do pensamento, reconhece que o estudo do discurso está relacionado com o sujeito, mas a perspectiva agora não está relacionada nem à psicanálise, nem a linguística, mas conecta-se com as relações de poder, exclusão, opressão e não reconhecimento que a própria língua produz através da ideologia de cada sujeito. A ACD possui uma relação multidisciplinar com a cognição, a sociedade e a história, pois o que irá constituir os discursos e seus sujeitos é o se constitui como *memória episódica*, sendo este conceito o discurso histórico que toda sociedade

compartilha e a *reconstrução sociocognitiva* seria o olhar ideológico para estas memórias (PARDO, 2013). De acordo com Van Dijk (2005):

A Análise Crítica do Discurso (ACD) é um tipo de investigação de análise do discurso que estuda, em primeiro lugar, o modo como o abuso do poder social, a dominância e a desigualdade são postos em prática, e igualmente o modo como são reproduzidos e o modo como se lhes resiste, pelo texto e pela fala, no contexto social e político. Com esta investigação dissidente, os analistas críticos do discurso tomam uma posição explícita e querem desta forma compreender, expor e, em última análise, resistir à desigualdade social. (VAN DIJK, 2005, p.19)

Para a análise de material produzido em redes sociais, queremos assumir como marco teórico as considerações da ACD que oferecem meios para analisarmos os dados por um viés ideológico - considerando ideologia como fruto da *memória episódica* - e também trazemos a contribuição de Herring (2013) que, através do estudo dos discursos online, fomentou o que se conhece hoje como *Computer Mediated Discourse Analysis* - CMDA. Embora a CMDA não possua relação com a AD, ela se aproxima da ACD e será considerada como um suporte teórico para a análise de dados que serão apresentados nos próximos capítulos. Para que se compreenda melhor tal distinção, em anexo há um organograma para explicitar tais distinções (ver **Anexo A – Distinções entre a AD e ACD**).

Explicando em detalhes o organograma, o discurso para a ACD está muito além das estruturas oracionais, bem como está distante de análises sintáticas ou morfológicas, mas compreende o discurso como coerência textual para ajudar a entender como a sociedade organiza modelos mentais e como entende eventos do mundo real, ou seja, não somente o discurso faz parte do que se analisa, mas também ao relatar um evento temos que levar em consideração o que é dito e o que não é dito, por isso, podemos afirmar que o discurso é construção da realidade dos falantes de uma determinada língua a partir de suas memórias.

A cognição possui relação com a memória compartilhada, memória esta que está relacionada com ideologias, pois um fato histórico pode ser contado de diversas maneiras, a partir das experiências ambivalentes dos sujeitos no mundo. E a sociedade é eixo central desta linha teórica, pois o discurso e a cognição estão relacionados com as estruturas sociais que atuam na vida dos sujeitos. Na sociedade, percebemos estruturas de poder, de opressão, mas vale ressaltar que é de extrema importância que se perceba estruturas de resistência, é dizer, que se há sujeitos que produzem discursos racistas, xenofóbicos, entre outros, em sociedade, também temos que entender como se resiste a estes tipos de discurso.

2.2 AS FAKE NEWS NO BRASIL

Com advento das redes sociais e a internet, que possibilitou uma maior interação entre os sujeitos em todas as partes do mundo, surgiu também uma apropriação de grandes noticiários em disseminar e informar a população não somente através de seus sites, mas também por meio destas fontes de interação sociovirtual. No meio destes disparos informacionais, surgiram também grandes redes de desinformação, disseminando entre redes sociais, grupos de *whatsapp* e outras mensagens e notícias falsas.

Acredita-se que o termo *fake news* tornou-se popular, sendo utilizado de forma massiva a partir das eleições do ex-presidente dos EUA, Donald Trump, e do atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, mas tanto o termo, quanto estas grandes redes de desinformação, elas surgem com dois jornalistas no final da do século passado, nos EUA. Os jornalistas William Hearst e Joseph Pulitzer já articulavam em seus jornais, o *New York Herald* e o *New York World*, respectivamente, a publicação de notícias falsas entre Nova York, Filadélfia e Califórnia, segundo Bhaskaran, Mishra e Nair (2017).

As *fakenews* assumem um papel importante para o cenário político do Brasil, e de certa forma bem próxima, o cenário dos EUA. Ambos candidatos possuíam algoritmos programados, ou o que outros teóricos chamam de “milícia virtual”, especializados em disseminar desinformação a respeito de seus adversários. De acordo com Allcott e Gentzkow (2017)

Uma das numerosas investigações realizadas a partir destes fatos, confirmava que durante a campanha eleitoral foram geradas um total de 115 notícias falsas favoráveis ao atual(ex) presidente dos Estados Unidos que foram compartilhadas no Facebook um total de 30 milhões de vezes, frente às 41 notícias falsas em benefício de Hillary Clinton compartilhadas 7,6 milhões de vezes. (ALLCOTT & GENTZKOW, 2017, p.212) (Tradução nossa)⁴.

Para além desta constatação, os EUA possuem dois sites que atuam no combate às *fake news*, coletando informações e desfazendo desinformação, que são o *Web of Science*⁵ e o *Scopus Preview*⁶. Esses sites tabulam a pesquisa por temáticas, palavras, assuntos, além de criar um corpus possível de ser analisado e estudado.

⁴ “We confirm that fake news was both widely shared and heavily tilted in favor of Donald Trump. Our database contains 115 pro-Trump fake stories that were shared on Facebook a total of 30 million times, and 41 pro-Clinton fake stories shared a total of 7.6 million times.”

⁵ Para acessar: <https://clarivate.com/webofsciencegroup/solutions/web-of-science/>

⁶ Para acessar: <https://www.scopus.com/home.uri>

No Brasil, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) criou em seu site uma página chamada “Painel da Checagem de Fake News⁷”, o qual também tabula notícias e desmente os boatos produzidos por tais sites. Além disso, o jornal Estadão criou um infográfico⁸ de cada presidencial, tabulando *tweets* e as palavras mais pronunciadas por cada candidato. Neste caso, Jair Bolsonaro tem a palavra “canalhas” como palavra que mais disse durante as eleições, referindo-se sempre à esquerda e ao candidato do Partido dos Trabalhadores (PT), Fernando Haddad. Já as palavras “comunista”, “terrorista”, “terrorismo” são associadas ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e ao Movimento dos Sem Terra (MST). Seguem nas figuras 1 e 2 *tweets* que comprovam tais afirmações:



Figura 1: O atual presidente *tweeta* um vídeo seu concedendo entrevista em seu próprio perfil. Tal vídeo é um recorte feito em junho de 2021 de uma reportagem em 2017.

⁷Para acessar: <https://www.cnj.jus.br/programas-e-aco-es/painel-de-che-cagem-de-fake-news/noticias-che-cadas/>

⁸Para acessar: <https://infograficos.estadao.com.br/politica/eleico-es/2018/o-que-15-mil-tweets-revelam-sobre-seu-candidato/>

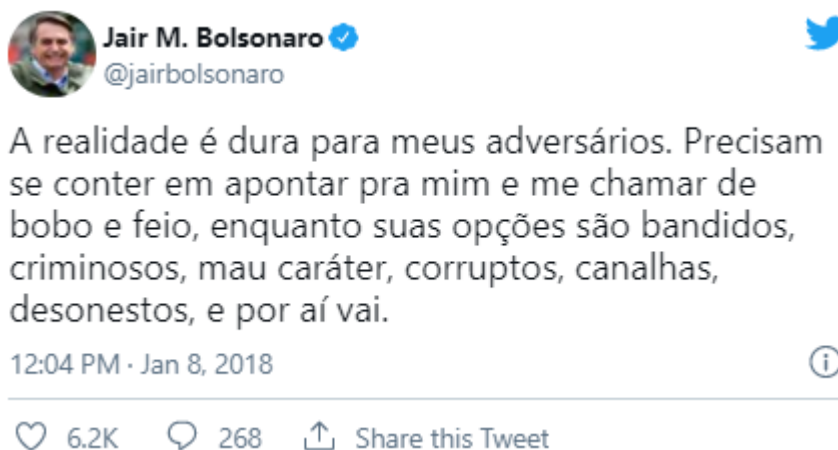


Figura 2: O presidente faz um *tweet* em seu próprio perfil comentando sobre seus adversários na época das eleições de 2018.

Já nas figuras 3 e 4 seguem os infográficos que contabilizam as palavras presentes no discurso de Jair Bolsonaro durante toda a sua campanha eleitoral entre os anos 2017 e 2018:

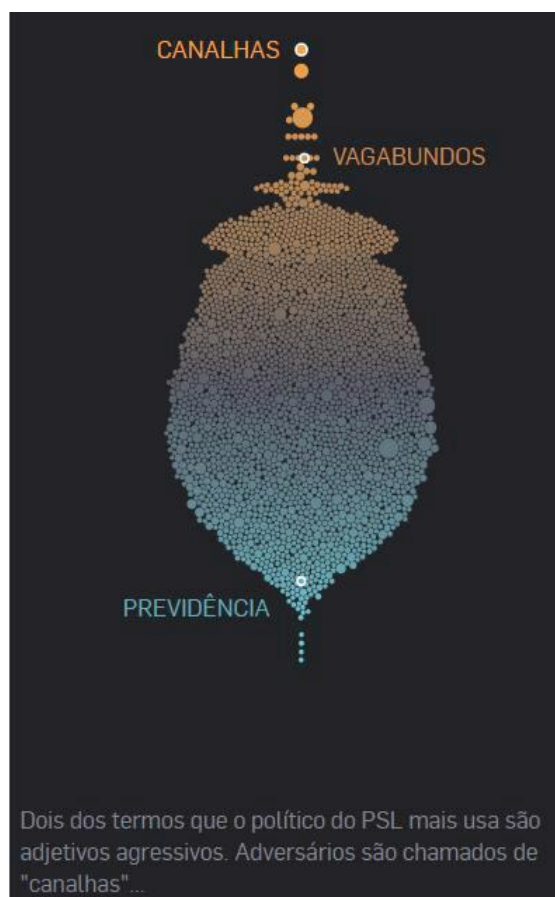


Figura 3: Infográfico retirado do periódico O Estadão



Figura 4: Infográfico de palavras retirado do periódico O Estadão

De acordo com o site do infográfico, a sua leitura deve ser feita da seguinte forma: “cada bolinha é uma palavra, ela é maior se for dita muitas vezes e menor se foi citada somente uma vez. Quanto mais pra cima, mais típico do pré-candidato. Quanto mais pra baixo, menos típica do pré-candidato e espalhamos as bolinhas para que uma não fique em cima da outra.”⁹

Tais palavras não foram ditas em vão, mas utilizadas em contexto de *fake news* para manipular o pensamento e o voto da população durante as eleições. As notícias falsas possuem certas características. Vejamos um exemplo sobre uma mensagem disseminada na rede social *whatsapp*.

⁹Acesso:<https://infograficos.estadao.com.br/politica/eleicoes/2018/o-que-15-mil-tweets-revelam-sobre-seu-candidato/>

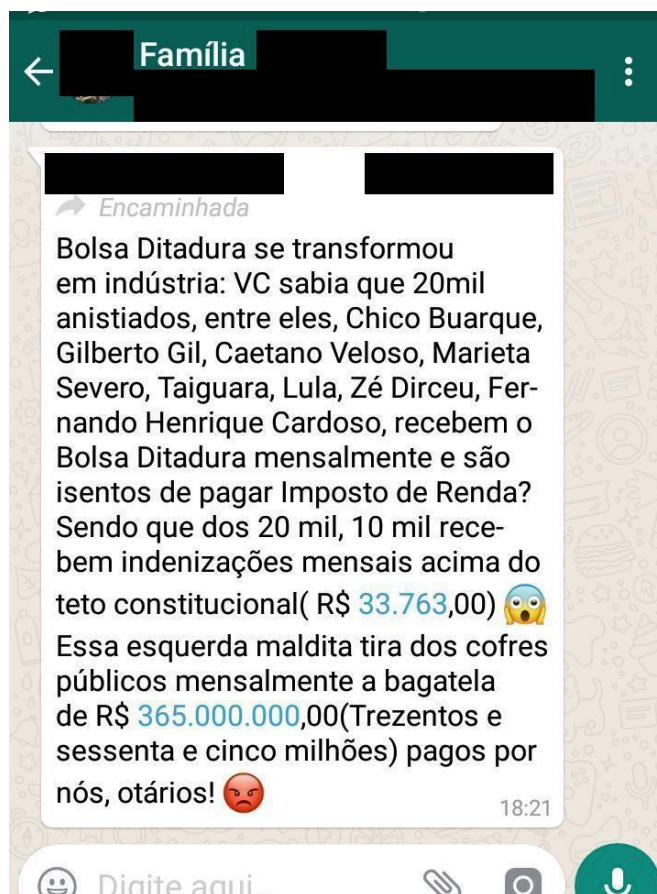


Figura 5: Mensagem repassada em grupo de *whatsapp* sobre uma possível “bolsa ditadura”

Ao analisarmos esta mensagem, percebemos que uma das características das notícias falsas é o símbolo de mensagem encaminhada. Este símbolo significa que o usuário repassou a mensagem de um determinado usuário e, na maioria dos casos, é desconhecida a matriz de tal mensagem. Por vezes, uma mensagem é encaminhada de forma excessiva e a própria rede social evidencia na mensagem o termo "reenviada várias vezes".

Depois se percebe que comumente a notícia falsa conta uma história, neste caso, o que o usuário chama de “bolsa ditadura” seria a lei 10.559/2002¹⁰ que foi criada como uma espécie de reparo moral e econômico a pessoas que tiveram seus direitos violados durante o período de 64 a 88, época da ditadura militar. Tal lei indeniza e isenta a pessoa violada do imposto de renda. Em seguida, nota-se a criação de um inimigo comum, neste caso, “a esquerda maldita”, outra amostra concreta que para o privilégio de uma imagem política deve-se difamar a outra. Ao conferirmos tais nomes, somente o ex-ministro do governo Lula, José Dirceu recebeu, em

¹⁰Texto da lei 10.559, de 13 de novembro de 2002. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110559.htm

parcela única, tal indenização e ainda cabe ressaltar que uma estratégia para a disseminação de uma *fake news* é a generalização, ou seja, a partir de um caso isolado deduz-se que um determinado grupo sempre se beneficiará de situações como esta que aconteceu com tais indivíduos.

2.3 AS REDES SOCIAIS E AS *FAKE NEWS*

Sabe-se que a Análise Crítica do Discurso já é uma área de produção científica, a qual vem rendendo grandes discussões e propostas para a discussão de uma língua que possui um caráter relacional, relação esta estabelecida entre o falante e o mundo o qual está inserido. A partir desta interação conceitual, ao analisar as *fake news* surgem algumas terminologias que nos ajudam a entender como funciona a ACD quando instrumentaliza a análise de *posts* e *tweets*.

Partindo do debate semântico sobre o término *fake news*, não existe um consenso acerca deste termo, pois o mesmo apresenta algumas questões: i) o termo é reconhecido pela Academia Brasileira de Letras (ABL), mas por que não usar um termo traduzido ou uma palavra que exerça a mesma semântica, ii) como seria a tradução de *fake news* e iii) o que *fake news* quer significar no ambiente político e informativo? Para estas questões, acredita-se que seria melhor chamarmos de *desinformação* a *fake news*, pois o termo *fake news* é muito reduzido para o que quer significar. Tal termo é reconhecido em nossa língua, é altamente produtivo por parte dos falantes de português brasileiro e de toda a literatura científica a respeito deste assunto, mas as *facenews* não produzem somente notícias falsas, como uma redundância da própria tradução, mas também promove uma certa desorganização que gera desinformação.

O segundo termo que precisamos definir é a *pós-verdade*. Para Keyes (2004, p.15), “a pós-verdade existe numa zona eticamente cinzenta que permite às pessoas dissimular sem se considerarem desonestas. Chamam-lhe “verdade melhorada”, “neo-verdade”, “soft-verdade”, “falsa-verdade”. Na era da pós-verdade, já não há mais espaço para o prestígio da verdade como uma asseguradora dos fatos, mas os indivíduos vivem numa dicotomia entre mentira versus verdade, o real versus o ficcional, o factual versus a realidade produzida, ou seja, a pós-verdade se dá como uma verdade produzida por algoritmos, robôs, que veiculam em velocidade recorde tal desinformação.

O terceiro termo que aparece na discussão das *fake news* são os algoritmos. O senso comum conhece o algoritmo como um conceito matemático que parte do resultado infinito de

um determinado problema, como se 11 dividido por 888 obtivesse a dízima periódica de 0,1923..., ou seja, um número infundável que continua repetindo através do factual encontro numérico. Para este espaço teórico, o algoritmo funciona com a mesma lógica, mas desta vez, ele é programado para poder levar ao usuário das redes sociais aquilo que o sujeito mais busca, fornecendo a ele mais conteúdo que são similares às suas buscas na lupa do *Instagram*, por exemplo. De acordo com Lucia Santaella:

A personalização dos filtros apresenta tendenciosidades que afetam significativamente o acesso à informação. A limitação dos indivíduos a uma exposição seletiva, alimentada pelos algoritmos, intensifica as tendências homofílicas - aquelas que só se buscarem concordâncias e fugir das discordâncias (SANTAELLA, 2018, p.12).

Segundo Ed Finn (2017, p.140), o algoritmo é “qualquer conjunto de instruções matemáticas para manipular dados ou raciocínios através de um problema”. E como os algoritmos se aliam às notícias mentirosas? À medida que um determinado indivíduo começa a consumir fontes as quais produzem *fake news* mais ele terá acesso a este tipo de conteúdo. O algoritmo atua de forma lógica e rápida para fornecer informações falsas em um curto espaço-tempo.

O reflexo que estes algoritmos criam na convivência social, resvalando no campo das ideias, é que, automaticamente, criamos as *bolhas sociais*. Aliado ao algoritmo, como um fenômeno ainda maior, as bolhas são criadas a partir da visão de mundo e da ideologia que os indivíduos seguem. Isto significa que os algoritmos trabalham de forma lógica, matemática, selecionando as informações que devem ser trazidas até o usuário, mas de forma ainda mais ampla, as ideologias já fazem parte do construto da bolha, ou seja, “podemos afirmar que há uma coprodução do conteúdo, nessa conjunção entre o usuário e o algoritmo. Se de um lado há a ideia de oferecer o que o indivíduo deseja ver, por outro há informação de bolhas, causa e efeito da polarização” (DE LIMA, 2021, p.69).

Percebe-se, com todos os elementos já elencados até aqui, que há uma capitalização e um investimento maciço na produção de *fake news* que atua como um grande disseminador de notícias falsas e que a cada usuário que curte, comenta e compartilha tal desinformação faz com que centenas de empresários e donos destas redes sociais ganhem milhões, fazendo com que o sistema inteligente e virtual das falsas narrativas seja amplamente lucrativo. Porém, se há lucro com as redes de desinformação, também há mecanismos para combater tais pseudonarrativas.

Atualmente, existem empresas especializadas e até mesmo os jornais já fazem um serviço de checagem das desinformações, pois, de fato, as notícias mentirosas não estão entre nós a partir deste século. O que estas empresas e organizações fazem é certificar a população de que tal notícia possui uma fonte, que tal fonte não foi adulterada e que a notícia fornecida pela fonte é verdadeira. O termo cunhado *fact-checking* é a expressão usada para assegurar que tal informação é verdadeira. Geralmente, o *fact-checking* faz a checagem de notícias que possuam fontes, pois se há uma notícia que não procede uma fonte, ou até mesmo se memes, mensagens de redes sociais e imagens foram adulteradas, então o termo que faz a checagem destes elementos é chamado de *debunking*. Já o *verification* faz a checagem da veracidade do “fato” noticiado no texto. Para ilustrar melhor tal divisão, segue a tabela abaixo¹¹

Tabela 2. Compreendendo a relação entre as categorias de checagem e suas respectivas definições.

Categorias de Checagem	Definição
<i>Fact-checking</i>	Verificar a fonte de tais informações
<i>Debunking</i>	Verificar notícias, imagens, memes e até mesmo posts que não possuem uma fonte
<i>Verification</i>	Verificar a veracidade dos fatos e criar parâmetros para que se possa identificar traços de mentira ou verdade presentes no texto

Fonte: Elaboração própria

3 OBJETIVOS

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo geral fazer uma apresentação sobre a relação que a Análise Crítica do Discurso (ACD) possui com as notícias manipuladas, denominadas *fake news*. Para tal fim, os objetivos específicos são:

I) fazer uma breve apresentação histórica sobre a corrente francesa da Análise do Discurso, bem como apresentar as convergências e divergências com a Análise Crítica do Discurso, corrente que surge com a Escola de Frankfurt;

¹¹Tabela produzida a partir do livro *Fact-checking and debunking: A best practice guide to dealing with disinformation* (2021) Para acessá-lo <https://portal.research.lu.se/en/publications/fact-checking-and-debunking-a-best-practice-guide-to-dealing-with>

II) explicitar, com dados concretos, a presença de *fake news* ao longo da história humana, em especial, em anos eleitorais;

III) assumir como marco teórico a contribuição da ACD para a análise de novas formas multitextuais que apresentam as redes sociais como *tweets*, *posts* e *mensagens no whatsapp* e

IV) Divulgar estratégias para detectar, por análise, notícias que são manipuladas, bem como apresentar mecanismos já existentes para combater as *fake news*.

4 METODOLOGIA

Este trabalho, no qual apresentamos a metodologia adotada para a investigação, propõe seguir um desdobramento o qual discorra sobre a relação entre as redes sociais e os tipos de violência que este meio explicita, analise alguns perfis de redes sociais à luz dos aportes teóricos da ACD e desconstrua os mesmos discursos através do embasamento teórico selecionando, buscando dessa forma explicitar o funcionamento da rede de produção das *fake news*.

Este trabalho analisa, partindo da ACD, doze publicações feitas em redes sociais durante os anos de 2010-2021, através de tais redes como o *Twitter* e o *Facebook*, de personagens públicos (políticos, artistas) e personagens anônimos nacionais, onde percebe-se as características estruturais destas mensagens que chamamos de “fake news”. Além destas redes, buscamos também analisar duas fake news disseminadas através do *whatsapp*. A partir desta caracterização, buscaremos criar uma padronização dos traços discursivos, textuais e de cunho modal à rede social do que pode vir a ser uma notícia mentirosa. Tais imagens se encontram por todo o trabalho, pois em momentos da escrita auxilia na compreensão de conceitos, ora traz suporte para ilustrar o funcionamento discursivo sociocognitivo de uma *fake news*. O tipo de corpus aqui utilizado parte das próprias redes sociais, num caráter descritivo, ou seja, neste sentido, analisar post e tweets envolve, neste trabalho, uma metodologia qualitativa e exploratória que buscará desenhar estruturalmente e padronizadamente as interfaces multimodais que tais discursos trazem, se analisados segundo a Análise Crítica do Discurso. Alguns dados, bem como algumas exemplificações e distinções teóricas foram transformadas em tabelas e gráficos para melhor elucidar a compreensão da teorização do conteúdo científico, a somar-se nestas explicações *prints* de mensagens do *whatsapp*, *tweets* e

posts, além de notícias em jornais *online*. Desta forma, tal trabalho tem como foco analisar e discorrer sobre os conceitos da ACD tomando como ponto de partida imagens feitas por modo *print* de *tweets*, *posts* e mensagens que propaguem notícias falsas e manipuladas.

5 ANÁLISE DE CORPUS

A análise e a busca de corpus dá-se a partir de prints de determinados perfis, sendo eles anônimos ou não, os quais são retirados do contexto do *Twitter*, *Facebook* e *Whatsapp*, bem como alguns outros materiais são retirados de jornais em sua versão eletrônica, pois, ainda que os jornais não sejam uma rede social, compartilham notícias e informações de forma tão instantânea como as redes sociais fazem. Vejamos na figura 6 este exemplo retirado do *Facebook* sobre a delação premiada em que Eike Batista, um dos grandes milionários brasileiros, deu ao Ministério Público informando o repasse de propina ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva:

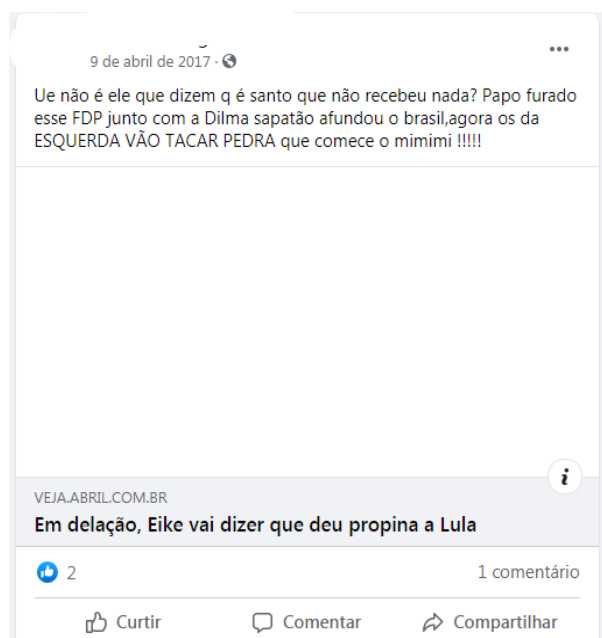


Figura 6: usuário do *Facebook* publica notícia e comenta sua própria publicação.

Podemos observar na prática o funcionamento do conceito de violência de Žižek (2008) ao percebermos que o usuário constrói seu discurso de forma desrespeitosa, quando se declarapositor à esquerda, usando de forma pejorativa e errônea o termo “sapatão” para atacar a imagem austera da ex-presidenta Dilma Rousseff. O usuário relativiza seu posicionamento dizendo que culpar Lula e Dilma é “mimimi”, expressão utilizada para desconstruir a legitimidade de um argumento, nesse caso, deste usuário acreditar fielmente que Lula não

possui nenhum tipo de relação com a corrupção em seu período na presidência. No momento em que ele diz que Lula e Dilma “afundaram” o Brasil, ele mesmo diz quem são os culpados, ou seja, através do compartilhamento de notícias, partindo de uma posição política, o mesmo divulga tal notícia criando um enunciado que se converte em verdade, sem buscar comprovações factuais ou relevantes para tal, ou seja, a própria enunciação constrói a verdade.

É visível e notória a violência política, de gênero e discursiva neste post, pois o usuário acredita que o fato da imagem austera da ex-presidenta Dilma possui algum tipo de relação com os casos de corrupção no país e que o fato de não ser uma mulher efusiva o leva a acreditar que ela está inapta para ser a presidenta, ou seja, sua “ineficiência” para o cargo está no fato dela ser mulher. Depois, ele ampliou o termo “esquerda” para nomear aqueles que defendem os pensamentos do ex-presidente Lula. O melhor seria, neste caso, “lulistas”, visto que o termo “esquerda” abarca, inclusive, partidos que não possuem nenhum tipo de ligação ou que, ao menos, apoiam Lula. Quando o mesmo diz “a esquerda” o que ele quer, na verdade, é deslegitimar esta corrente política e filosófica. E ainda, a violência discursiva está emaranhada nos termos “FDP”, “sapatão” e “mimimi”, pois são termos usados pelo usuário para ridicularizar, deslegitimar e incitar o ódio aos outros perfis desta rede social.

Mas o questionamento que nos surge é de como estes e tantos outros perfis do Facebook produziram discursos neste tom que acabamos de analisar? A resposta, talvez, esteja no que Pierre Bourdieu chamou de *violência simbólica*. Para Bourdieu (1989), só é possível a violência simbólica se houver resultado simbólico e este resultado seria a reafirmação de estigmas e estereótipos seguidos de uma naturalização dos discursos e sentidos, naturalizando também a ideologia que está presente em tal discurso. O post acima é um dos tantos outros posts que, em 2016, foram reproduzidos durante o golpe que Dilma Rousseff sofreu ao ser expulsa da cadeira da presidência da república. “Dilma sapatão”, “esquerdopatas” e “Luladrão” são termos que desde 2016 até nossos dias rodeiam a sociedade brasileira, sendo estes formas de diluição da esquerda política.

Para Van Dijk, a linguagem das notícias expressa associações sutilmente positivas ou negativas com relação aos protagonistas que se envolveram nas circunstâncias dos fatos (VAN DIJK, 1990), por isso, veremos outra exemplificação, na figura 7, de como acontece a violência discursiva nas redes sociais, neste caso, um *tweet* de 2014 com marcas de homofobia no discurso.



Figura 7: Captura de tela feita em junho de 2021 a qual usuário faz um *tweet* em seu próprio perfil

Ao olharmos tal discurso, podemos inferir que a construção de sentidos dada pelo usuário ocorre através de uma oração coordenada adversativa, pois o sentido desta frase está relacionado à aceitação do próprio usuário em “aceitar ou não” os gays e, assim, ele constitui a frase para dizer que ele “aceita” os gays, mas afirma que isto não pode ser estabelecido como padrão pela sociedade. O termo que estigmatiza o discurso é a conjunção adversativa “mas”, pois é nela que está a contradição de sentido e a contradição do próprio usuário.

No âmbito da estrutura, o *tweet* possui poucas curtidas, poucos *retweets*, porém ele evidencia quem são os perfis que tiveram estas ações e são todos pessoas do sexo masculino. No âmbito do sentido, o usuário afirma não “aceitar” os gays como “normais” através do 'mas' adversativo que explicita seu pensamento. O que se vê claramente é, como na figura 1, violência de gênero, pois o usuário do *twitter* acredita que a sexualidade dos sujeitos deve ser objeto de aceitação. Se formos analisar com o suporte da ACD, poderíamos afirmar que este tipo de discurso faz parte da memória episódica, pois a violência de gênero, em todos os seus espectros, faz parte de uma sociedade que tem como base o discurso homofóbico e que precisa, urgentemente, criar mecanismos de combate a estes discursos que ferem sujeitos inseridos em sociedade.

Apesar deste trabalho analisar redes sociais, trazemos uma parte desta notícia do ano de 2021, pois faz-se pertinente à análise da ACD e a todo o contexto da relação entre discurso e sociedade. Esta imagem circulou o Brasil e o mundo, quando em janeiro de 2020 o então secretário de cultura, Roberto Alvim, transmitindo um anúncio em rede nacional falou ao povo brasileiro copiando trechos do discurso de Joseph Goebbels, ministro de propaganda da Alemanha Nazista. Os discursos coincidem em “A arte brasileira da próxima década será heroica e será nacional. Será dotada de grande capacidade de envolvimento emocional e será igualmente imperativa, posto que profundamente vinculada às aspirações urgentes do nosso povo, ou então não será nada.”, assim disse Alvim. Já Goebbels (1943) disse “A arte alemã da próxima década será heroica, será ferreamente romântica, será objetiva e livre de

sentimentalismo, será nacional com grande *páthos* e igualmente imperativa e vinculante, ou então não será nada.” A notícia foi ferozmente criticada, tal como o ato do então secretário de cultura brasileiro e dias após o ocorrido, Alvim foi exonerado do cargo.

FOLHA DE S.PAULO



Montagem mostra Roberto Alvim, à esq., e Joseph Goebbels, à dir. - Reprodução e Atelier Bieber/Nather/Bildarchiv Preußischer Kulturbesitz

Figura 8: Imagem retirada do Jornal online Folha de São Paulo - Notícia do dia 17 de janeiro de 2020¹²

Esta notícia e todos seus elementos são riquíssimos para uma análise, pois não só os discursos se assemelham, mas todo o ambiente em que a notícia foi dada. Percebe-se que, aquilo que Pardo (2013) conceituou como *memória episódica* está diretamente ligado à notícia. A foto ajuda a ilustrar como esta memória foi revisitada: no âmbito da subjetividade, o então secretário acreditou que comunicar uma mensagem em nome da pasta em rede nacional nestes moldes seria interessante para o país; no âmbito da estrutura linguística, ele faz o que chamamos de paráfrase, ou seja, a partir de um texto reaproveita-se a estrutura do texto-matriz e escreve-se um outro texto que se assemelhe à matriz, mas que possua pequenas diferenças. O

¹²Fonte da notícia: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/01/secretario-de-bolsonaro-e-exonerado-apos-pronunciamento-semelhante-a-de-ministro-de-hitler.shtml>

texto proferido por Alvim é parafrástico ao de Goebbels. A intenção de Alvim parece ser mostrar ao povo brasileiro que, apesar de tudo estar em profundo desequilíbrio político, a arte salvaria a qualquer custo e aqui conclama palavras do tipo “heroica”, “nacional” e “nosso povo”. A intenção do discurso de Alvim é construir a ideia de que o país estava correndo perigo e que algo deveria salvar-nos, dando-nos assim a narrativa do inimigo em comum. Esta memória episódica ambienta o discurso de Alvim: o texto, o cenário da foto, ele ao centro e acima dele o presidente Bolsonaro, em comparação com Goebbels que também está sentado ao centro e que tem acima dele Adolf Hitler, ou seja, tudo isto está contextualizado tal como diz Van Dijk:

A estrutura de situações sociais é especialmente relevante (...) para uma teoria do contexto. O discurso é frequentemente definido como um evento comunicativo, que ocorre numa situação social, contendo uma localização espacial, temporal, participantes em diferentes papéis, ações, entre outros. Por outras palavras, podemos ter uma teoria das situações sociais para explicar contextos. (...)” (VAN DIJK, 2005, p.57).

Seguindo nossa análise, agora veremos na figura 9 um *tweet* do ano de 2018 feito pelo deputado federal Alberto Fraga (DEM-DF) disseminando *fake news* sobre a deputada assassinada Marielle Franco (PSOL-RJ).

Em março de 2018, o deputado federal Alberto Fraga (DEM-DF) fez uso de sua conta no twitter para tornar pejorativa a imagem da socióloga e ex-deputada estadual do Rio de Janeiro, Marielle Franco, que tinha sido assassinada cinco dias antes do *tweet* do deputado. O deputado afirma que Marielle tinha se tornado “o mito da esquerda”, mas que na verdade, ela estava envolvida com o Comando Vermelho - uma das maiores facções criminosas do Rio de Janeiro - e que, além de seu envolvimento, tinha sido eleita pela mesma facção e que era casada com um dos maiores chefes do tráfico do Rio de Janeiro, “Marcinho VP¹³”. Cinco dias após a publicação da *fake news* propagada pelo deputado, ela foi apagada das redes sociais, tendo o deputado desativado suas contas oficiais por conta da repercussão do *tweet*. Segundo Chiari e Sargentini (2019, p.451), durante o ano de 2018 houve muitas publicações de *fake news*, veiculadas por sites não-confiáveis, sites desconhecidos, alimentados por uma participação de robôs contratados, onde publicava-se de acordo ao interesse da direita em eleger o maior

¹³Sigla reconhecida no mundo do crime como as iniciais do bairro Vila da Penha, localizado no estado do Rio de Janeiro e que possui um complexo de favelas, fazendo parte do bairro o Complexo do Alemão.

número possível de seus candidatos. Estas produções de *fake news* fez com que este fato ficasse conhecido como “rede bolsonarista da internet”.

Além disso, os *retweets*, os compartilhamentos via *Facebook*, as mensagens de *whatsapp* “reenviadas muitas vezes” fazia parte de uma estratégia política em criar uma narrativa onde o discurso alimentado pela direita fosse a estigmatização da esquerda e dos seus candidatos e políticos, criando um clima de instabilidade nas eleições, ajudando a sociedade a construir uma ideia de redenção do Brasil e da política nacional através da perseguição e, até mesmo, assassinato dos candidatos de esquerda, mais especificamente PT, PSOL e PC do B. Desmistificando o *tweet* do deputado, Marielle Franco não mantinha nenhuma relação com Marcinho VP. A filha de Marielle, Luyara Santos, na época com 19 anos, disse que seu pai é Glauco dos Santos e que o *tweet* do deputado Alberto Fraga era, mais uma vez, uma afronta à ela, à memória de sua mãe, Marielle, e de seus 46 mil eleitores. Glauco dos Santos, o pai de Luyara, não possui nenhuma relação com os dois traficantes com o nome Marcinho VP, um está morto desde 2003 e outro está preso desde 1997. Segue abaixo a imagem do *tweet* do deputado.



Figura 9: O deputado Alberto Fraga (DEM-DF), em 2019, faz declaração enganosa sobre a ex-deputada estadual assassinada Marielle Franco (PSOL-RJ).¹⁴

Em 2019, uma *fake news* circulou pelo *whatsapp*, onde a mensagem dizia que o usuário deveria repassar tal mensagem e também enviar a letra “F” em um envio único, pois o dono do *Facebook*, Mark Zuckerberg, havia comprado o *whatsapp* e para que tal usuário não perdesse seus contatos, ele deveria proceder de tal maneira.

Desfazendo tal *fake*, as improcedências de tal informação são: i) Mark Zuckerberg comprou o *whatsapp* no ano de 2014 por 19 bilhão de dólares, ou seja, há uma incongruência

¹⁴Fonte da notícia: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/apos-divulgar-fake-news-sobre-marielle-deputado-alberto-fraga-suspende-redes-sociais.ghtml>

na data entre o fato da compra ter sido em 2014 e a fake ter sido produzida com tal informação em 2019; ii) a mensagem possui a marca de “encaminhada”, ou seja, isto é uma das marcas mais fidedignas de uma mensagem *fake*, pois ao disseminar a mensagem instaura-se um clima sensacionalista e iii) a própria empresa, em nota, disse que a mesma não envia mensagens a seus usuários via aplicativo. Segue abaixo a figura 10 que mostra a imagem da mensagem.



Figura 10: Usuário desconhecido encaminha mensagem para outro usuário¹⁵

A próxima *fake news* que foi tomada como objeto de análise aconteceu em outubro de 2021, quando o presidente do Brasil, Jair Bolsonaro (Sem partido), divulgou em uma live feita pelas redes sociais no dia 24 do mês citado, que as pessoas que estivessem se vacinando contra a COVID-19 estariam contraindo o vírus da AIDS instantaneamente.

Durante a *live*, Bolsonaro cita um estudo feito pelo Reino Unido, publicado pelo site inglês negacionista *beforeitsnews.com*, o qual possivelmente afirmaria que a vacina que combate o vírus da COVID-19 gera o vírus da AIDS, pois a tecnologia que é usada na produção da vacina do novo coronavírus reduziria a resposta-imune dos cidadãos e, assim, o sistema imunológico enfraquecido geraria o HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana, sigla traduzida do inglês). Segundo Letícia Sarturi, Mestre em imunologia pela USP, doutora em biociências e fisiopatologia pela Universidade Estadual de Maringá e professora titular na Universidade Paulista:

O artigo fala de uma possível redução de imunidade e degradação do sistema imune, que é por uma possível deficiência, mas ele não fala em nenhum momento como se chegou àqueles resultados. Em nenhum momento você tem como foi medida a

¹⁵Fonte da notícia: https://www.em.com.br/app/noticia/tecnologia/2019/07/03/interna_tecnologia,1066963/fake-news-sobre-whatsapp-circula-em-dia-de-redes-sociais-instaveis.shtml

porcentagem da imunidade. Porque a gente não mede a porcentagem da imunidade. Na imunologia, a gente pode medir o título de anticorpos, ou seja, quantos anticorpos estão sendo produzidos. Você pode medir a resposta imunocelular pela quantidade de células TCD8 e TCD4 que são direcionadas contra os vírus. Você consegue medir isso, fazer contagem de quantas células tem, você consegue titular o nível de anticorpos que o paciente tem. Então, você consegue fazer esse tipo de coisa em uma pesquisa. Mas você não consegue dar uma porcentagem de imunidade, porque imunidade é uma coisa muito subjetiva. Então, você não tem como falar: 'Essa pessoa tem tantos por cento de imunidade'. Você pode aferir alguns parâmetros do sistema imune, você pode aferir a imunidade celular pela quantidade de células que respondem. Você pode aferir a imunidade humoral pelo nível de anticorpos que há ali no organismo, mas não tem como calcular o percentual de imunidade. Isso é bem absurdo. O texto não fala em nenhum momento como isso foi calculado, qual a metodologia que foi usada para chegar a uma porcentagem. Ainda mais essa perda semanal de imunidade, isso é bem estranho (Jornal G1, com acesso em 04/11/2021).

Um estudo publicado pela Revista Acadêmica *The Lancet*¹⁶, em 2020, mostrou que vacinas desenvolvidas com o Adenovírus 5 não são úteis para quem tem HIV, mas tais estudos são feitos, em laboratório, para AIDS. O estudo ainda mostra que vacinas com este tipo de adenovírus podem acelerar a infecção ao HIV para quem já foi exposto ao HIV, ou seja, o resultado das pesquisas feitas em laboratório provam que tal infecção e desenvolvimento do vírus do HIV só pode acontecer se determinado indivíduo estiver constantemente exposto ao vírus.

Para entender melhor tal questão, podemos exemplificar com as vacinas que já estão sendo aplicadas no Brasil, como a vacina com tecnologia de vírus inativado produzida pela empresa chinesa SINOVAC em parceria com o Instituto Butantan, em São Paulo, denominada CORONAVAC; a vacina produzida pela Universidade de Oxford em parceria com a Fiocruz, denominada Astrazeneca, que possui um adenovírus replicante e a vacina da empresa americana Biontech, denominada Pfizer, a qual é produzida por um mRNA mensageiro, sendo considerada uma das tecnologias mais modernas e eficazes atualmente.

A vacina produzida no Instituto Gamaleya, na Rússia, denominada Sputnik V, é produzida com a tecnologia do Adenovírus 5 e por isso não obteve êxito no Brasil ao pedir permissão de uso emergencial para a Agência de Vigilância Sanitária (ANVISA), ou seja, não há no Brasil vacinas com este tipo de tecnologia e estes fatos desfazem a *fake news* propagada pelo presidente em live. Logo que a live circulou, o próprio *Facebook*, *Youtube* e *Instagram* retiraram a live do ar.

¹⁶Fonte do estudo: Buchbunder et al. 2020. Use of Adenovirus type-5 vectored: a cautionary tale. *The Lancet*. Para acessar: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33091364/>



Figura 11: Bolsonaro, em outubro de 2021, ao lado de uma intérprete de LIBRAS disseminando *fake news* sobre a falsa relação entre vacina contra COVID-19 e produção de HIV.¹⁷

A próxima mensagem *fake* aconteceu no início da pandemia do novo Coronavírus, a qual disseminava uma imagem afirmando que determinados alimentos alcalinos possuíam um Ph alto capaz de eliminar o vírus da COVID-19 do organismo humano. Como, em abril de 2020, ainda não havia uma vacina que combatesse o vírus, muitas pessoas, devido a esta *fake news*, foram ao supermercado comprar em larga escala tais alimentos que poderiam “eliminar o vírus do organismo humano”.

Esta mensagem ficou perdida pelo tempo após alguns jornais, com seus mecanismos de *factchecking*, constatarem que a notícia era falsa, porém, em janeiro de 2022, alguns estados como São Paulo e Rio de Janeiro viveram um surto de gripe, somando-se à pandemia da COVID-19. Logo que as secretarias de saúde dos Estados declararam uma epidemia de gripe, a tal *fake* voltou a circular, com o mesmo texto, a mesma estrutura de argumentação e as mesmas imagens, mesmo o ministério da Saúde já tendo distribuído vacinas para COVID-19 e gripe por todos os estados, ou seja, há ainda um equívoco quanto ao que combate tais vírus e quanto ao acesso à informação e à vacina.

¹⁷Fontes da notícia: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/10/27/vacina-nao-aumenta-propensao-de-ter-outras-doencas-diz-presidente-da-anvisa.ghtml>
<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2021/10/22/e-fake-que-relatorios-do-governo-do-reino-unido-sugerem-que-vacinados-contracovid-tem-desenvolvido-aids.ghtml>

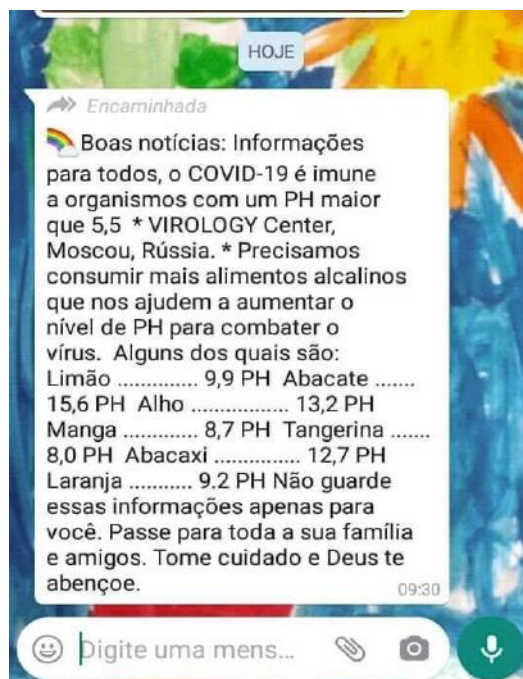


Figura 12: Usuário não identificado do *whatsapp* repassa mensagem sobre possíveis alimentos alcalinos que poderiam eliminar o vírus da COVID-19 do organismo humano.¹⁸

A Análise Crítica do Discurso permite em sua teoria esta discussão que é muito pertinente para nossa sociedade hoje: a guerra das narrativas. As fakenews existem por dois motivos: i) existem empresas milionárias que atuam fortemente sobre informações factuais ou sobre dados que ainda não apresentaram nenhuma fonte segura de informação; ii) existem porque tais empresas possuem aparatos tecnológicos suficientes, juntamente com um aparato político que constrói relações de poder e a sua manutenção, vide o presidente Bolsonaro revogar o marco comum da internet, em setembro de 2021. Para Eugênio Bucci, as *fakenews* possuem estas características:

1- São uma falsificação de relato jornalístico ou de enunciado opinativo nos moldes dos artigos publicados em jornal; 2- Provêm de fonte desconhecida - sua origem é remota e inacessível; 3- Sua autoria é quase sempre forjada (...) descontextualizam os argumentos para produzir entendimentos falsos; 4- Têm - sempre - o propósito de lesar os direitos do público (...) as *fake news* tapeiam o leitor em diversas áreas; 5- dependem da existência das tecnologias digitais da internet - com *big data*, algoritmos dirigindo o fluxo de conteúdos nas redes sociais; 6- Agem num volume, numa escala e numa velocidade sem precedentes na história e 7- As notícias fraudulentas dão lucro (além de político, lucro econômico) (BUCCI, 2019, p.41-42).

¹⁸ Fonte da notícia: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2020/03/30/e-fake-que-a-ingestao-de-alimentos-alcalinos-combate-o-novo-coronavirus.ghtml>

E é esta estrutura bem desenhada que hoje temos, nas redes sociais, uma guerra de narrativas, a qual se busca ter conhecimento quem é “a dona da verdade”, mas o problema da verdade é uma questão que levanta outra: será mesmo que a verdade exista como a seguradora dos fatos, ou há, talvez, narrativas que defendem, cada um, a sua visão de verdade? Este questionamento é o que gerou a possibilidade de se criar diversas formas de contar uma mesma história e aqui está o cerne da questão: se nós relativizarmos demasiadamente o conceito de *verdade* tudo poderá ser dito, ainda que não seja verdade, por isso faz-se necessário criarmos mecanismos que padronizam o tipo de mensagem produzida por um meio de comunicação que assegure a veracidade dos fatos e, ao contrário disto, que a população possa ter instrumentos práticos para o reconhecimento de uma mensagem falsa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da busca e análise de dados partindo de *tweets*, *posts* e mensagens no *whatsapp* consegue-se afirmar que as redes sociais são hoje um rico e profundo objeto de estudo desde os estudos de AD e ACD, bem como os discursos produzidos em contextos políticos. Assim, para o primeiro capítulo deste trabalho, foi proposto uma breve explicação sobre a AD e a ACD, depois apresentando singularidades e suas divergências, bem como a explicação de cada tópico presente nestas duas vertentes teóricas. A Análise do Discurso da escola francesa sugere que discurso seja analisado pelo tripé Psicanálise-Materialismo Histórico-Estruturalismo Linguístico, ou seja, para a AD a língua faz a relação do sujeito com sua história, que a memória é assegurada pelos fatos e ideias que são compartilhadas na sociedade e fomentam uma espécie de conceito compartilhado e que os sujeitos são afetados pela língua, pela história e pela memória. Porém, a AD não consegue dar conta de uma análise mais contundente ou, talvez, haja poucos aportes teóricos para assegurar uma análise mais concreta das redes sociais. Já a Análise Crítica do Discurso propõe que as relações entre cognição-sociedade-discurso estejam intrinsecamente ligadas ao fato de que a língua constrói relações de poder, opressão e exclusão e que as redes sociais, atualmente, tem sido o palco para a manifestação destas construções.

Depois, em um segundo momento, foram analisados diversos exemplos práticos a partir de *tweets*, *posts* e mensagens pelo *whatsapp* como parte basilar deste processo teórico que consistia em relacionar as ramificações teóricas da ACD com este novo gênero textual que são os textos produzidos nas redes sociais. Pode-se constatar que muitas destas informações ou desinformações geradas fazem parte de um ciclo de *representação*, de modo que considera-se como tal “estruturas textuais que são armazenadas na memória episódica de uma forma de

representação textual. Tal representação pode ser semântica e esquemática” (Van Dijk, 1990, p.208) ou seja, este conceito nos ajuda a compreendermos que os textos em redes sociais de *fake news* são sempre parecidos e estas semelhanças nos ajudariam, posteriormente, a desenhar uma espécie de arcabouço dos traços da desinformação a âmbito textual, com características macrotextuais e microtextuais, além de poder gerar pontos convergentes e divergentes entre as notícias enganosas, afinal, independentemente da rede social, tais textos sempre apresentaram semelhanças semânticas e diferenças textuais.

Este trabalho de conclusão de curso apresentou uma proposta teórica de análise baseada nos estudos da Análise Crítica do Discurso. Nesta monografia analisamos, por exemplo, as *fake news* através das redes sociais, percebeu-se também, de forma acentuada, a existência de uma estrutura política, inclusive com incentivos públicos, a qual propaga notícias alteradas, de modo a beneficiar interesses políticos. Esta relação das desinformações com a sociedade atingiu seu ápice em momentos históricos como as eleições de 2018 e a pandemia do novo coronavírus, momentos que foram mais explorados neste trabalho de conclusão de curso. Continuamente, em outras possibilidades de pesquisa, futuramente analisaremos as redes sociais em notícias de jornais eletrônicos, mapearemos, com a ajuda da tecnologia, as redes virtuais de desinformação, buscando entender como funcionam, quem as financia, quais são suas finalidades e onde se encontram, sendo este último ponto, talvez, o mais difícil. Seguindo a linha das notícias em jornais eletrônicos, ainda deseja-se demasiadamente, neste processo de ampliação da pesquisa, poder fazer esta análise em uma dimensão maior, pois neste trabalho a análise do corpus foi majoritariamente de corpus com informações sobre o Brasil, porém em pesquisas futuras, deseja-se que esta análise alcance corpus semelhantes de textos produzidos em outros países

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLCOTT, Hunt; GENTZKOW, Matthew. *Social Media and Fake News in the 2016 Election*. *Journal of Economic Perspectives*, v. 31, n. 2, p. 211–236, 2017.

BHASKARAN, Harikrishnan; MISHRA, Harsh; NAIR, Pradeep. *Contextualizing fakeneews in post-truth era: Journalism education in India*. *Asia Pacific Media Educator*, 2017, vol. 27, nº 1, p. 41-50.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. RJ: Editora Bertrand Brasil, 1989.

BUCCI, Eugênio. News não são fake - e fake news não são news. In: *Pós-verdade e fake news: reflexões sobre a guerra das narrativas*. Org. Mariana Barbosa. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p.37-47.

FINN, Ed. *What Algorithms Want: Imagination in the Age of Computing*. Cambridge MA: The MIT Press, 2017.

GIORDANI, Rosselane Liz. *As relações de poder exercidas através do discurso*. Unioeste: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2011.

HERRING, Susan C.” Discourse in Web 2.0: Familiar, reconfigured ,and emergent”. In: *Georgetown University Round Table on Languages and Linguistics 2011: Discourse 2.0: Language and new media*. Washington: Georgetown University Press, 2013. pp. 1-25.

KEYES, Ralph.. *The Post-Truth Era: Dishonesty and Deception in Contemporary Life*. New York: St. Martin’s Press, 2004.

LIMA, Fábio Barbosa de. *Entre bolhas e grietas: a polarização político-ideológica nas redes sociais*. *Estudos Linguísticos e Literários*, n. 67, p. 63–81, 2020.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 13. ed. Campinas: Editora Pontes, 2020.

PARDO, Neyla. *Cómo hacer análisis crítico del discurso: una perspectiva latinoamericana*. Santiago de Chile: Fraix, 2013.

PRIOR, Hélder. Mentira e política na era da pós-verdade: fake news, desinformação e factos alternativos. In: *Comunicação Digital: media, práticas e consumos*. P. Lopes & B. Reis (org.) Lisboa: NIP-C@M & UAL, 2019. pp. 75-97.

SANTAELLA, L. A pós-verdade é verdadeira ou falsa? In: *A pós-verdade é verdadeira ou falsa?*. Cypriano, F. (org.). SP: Estação das Letras e Cores, 2018.

SARGENTINI, Vanice Maria O.; CHIARI, Geovana. *Mentirosos, corruptos e comunistas! As Fake News e o politicamente incorreto*. *Discurso & Sociedad*, vol. 13(3), 2019.

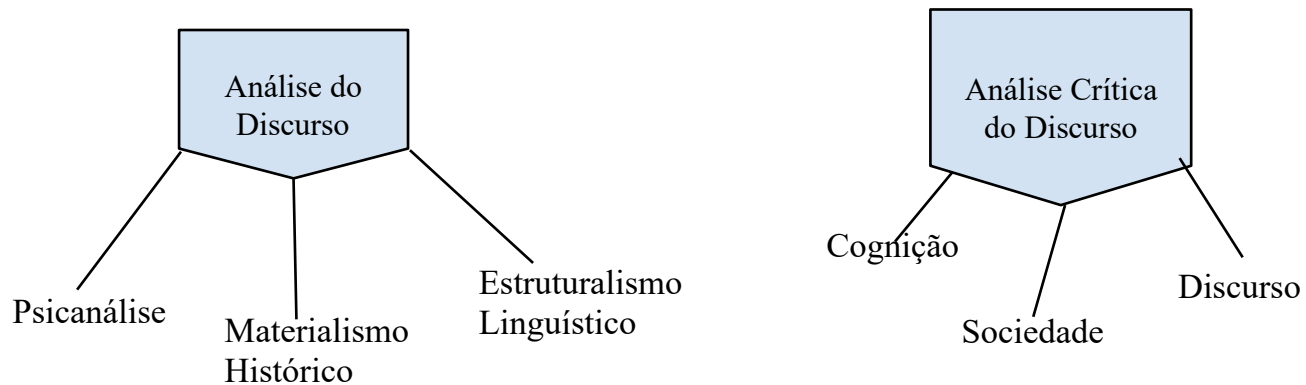
SLAVOJ, Žižek. *Violence: sixsidewaysreflections*. New York: Picador, 2008

VAN DIJK, Teun A. *La noticia como discurso: comprensión, estructura y producción de la información*. Barcelona: Paidós Editora, 1990.

_____. *Discurso, notícia e ideologia: estudos na Análise Crítica do Discurso*. Porto: Campo das Letras, 2005.

ANEXOS

ANEXO A - Distinções entre a AD e a ACD



Organograma 1- Distinções entre a AD e a ACD

Fonte: Elaboração própria.